

ENTREVISTA/HUGO BIAGINI

'Onde cada um é empresário de si mesmo'

JUREMIR MACHADO DA SILVA

Argentino, nascido em 1938, professor nas universidades de Buenos Aires, La Plata e del Sur, o filósofo Hugo Biagini, autor de mais de uma dezena de livros, tornou-se referência no pensamento latino-americano que examina questões como o neoliberalismo e as transformações da cultura na época da globalização. Nesta entrevista por e-mail ele fala do seu livro, em coautoria com Fernández Psychaux, "O Neoliberalismo e a Ética do Mais Forte", publicado no Brasil pela editora Nova Harmonia, de Nova Petrópolis, dirigida por Antonio Sidekum, e sobre neoliberalismo.

Porque passar de neoliberalismo a "neoliberalismo"? Qual o significado desse novo conceito?

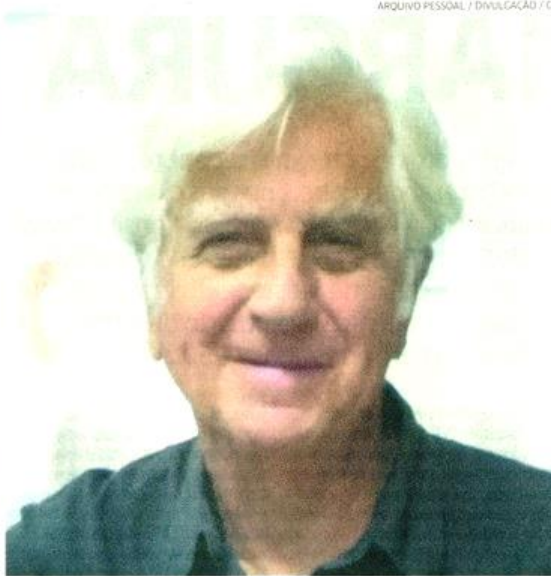
Faz tempo que viemos propondo, com o coautor do livro, Fernández Psychaux, a conveniência de substituir o rótulo de neoliberalismo pelo neologismo de neoliberalismo para referirmos a essa sorte de axioma lógico e inverificável que sustenta que nos propósitos egocêntricos e na não solidariedade se encontra ou o caminho do bem-estar coletivo. Temos pretendido advertir assim sobre um discurso que apela à subjetividade, mas, por mais que se proclame nele a liberdade individual, termina despersonalizando e tornando invisível o outro e a si mesmo, ao ponto de que, sob os efeitos de uma profunda crise de identidade, saímos para defender interesses sociais muito diversos aos nossos ou que setores populares terminam incorporando a idiosincrasia dos poderosos e privilegiados. Por outra parte, os posicionamentos de Lord Keynes trouxeram aparelhada uma renovação muito mais autêntica do liberalismo do que aquela que, com equívoco semântico, invoca para si o tão questionado liberalismo.

Racionalização e modernização são os pilares do "neoliberalismo"?

Um repasse da "lógica" ultraliberal pode ser exposto deste modo: o bem comum, a justiça social e o interesse coletivo como mitos ou abstrações sem sentido; uma irrestrita liberdade pessoal como meio para o enriquecimento coletivo, cada um é empresário de si mesmo; realismo político: as sociedades são naturalmente agressivas, tendem a maximizar o poder, alinhamento com o sistema mundial sob os termos do que se tem denominado como realismo periférico; imaturidade constitutiva e vazío cultural dos povos emergentes. Junto ao poder quase omnímodo que flui nos multíssimos aspectos o neoliberalismo e a globalização, também se encontram as ciladas que nos tende a linguagem sedutora: Ocidente, Primeiro Mundo, civilização; sentido comum, pensar positivamente: triunfar, eficiência.

Como explicar o paradoxo liberal pelo qual o egoísmo deve ser o principal produtor de bem-estar coletivo?

Em última instância, a plataforma neoliberal pressupõe uma visão atomista e anticomunitária da vida e em especial da sociedade, a qual, segundo, postulações como as que se fez publicamente e com Margaret Thatcher, o único que na verdade existe são os indivíduos e não a sociedade – uma asseveração que segundo algumas interpretações mordazes reformularam o conceito alegando que a sociedade carecia de uma entidade real por-



Um capitalismo humanizado poderia constituir saída aos países em desenvolvimento

que a mesma Thatcher se tinha encarregado de destruí-la mediante sua negação de qualquer outra política que não fosse a do receituário neoconservador em questão: a dos ajustes salariais, as privatizações e o Estado ultramínimo. Uma ideia que vulgarmente, se traduz em afiançadas frases feitas como "boi só bem se lambe" ou o olho do dono engorda o gado".

As experiências socialistas conhecidas atolaram-se no autoritarismo, na falta de democracia, em ditaduras e na supressão da liberdade de expressão e de ir e vir. É possível conceber uma alternativa ao neoliberalismo que não seja uma ditadura de esquerda? A socialdemocracia sueca é uma boa alternativa?

Poderia em princípio admitir-se que a possibilidade de um capitalismo humanizado, como tem sido de algum modo em outros tempos ou renano ou europeu, poderia constituir uma saída para os países em vias de desenvolvimento, se se lhes permitisse levar a cabo uma política de caráter endógeno como a que foi tantas vezes bloqueada por interesses *non sanctus* na história de Nossa América, apelando-se a sofismas discriminatórios até chegar a anular-se, sob cargo de populistas, as políticas que têm recuperado o crescimento segundo as tibiãs prescrições afins com o keynesianismo: investir em infraestrutura, fomentar os postos de trabalho e o gasto social, aprofundando a democracia e a participação cidadã ou fazendo com que a saúde e a educação não estejam orientadas unicamente para os que têm poder de compra.

Estamos no ano do centenário da revolução russa. Que balanço faz desse aconteci-

mento histórico de tantas consequências?

A revolução russa, como a revolução mexicana, representou uma ruptura ao ampliado credo do século XIX no progresso indefinido. Com os novos sujeitos plebeus que intervêm em ambos os fenômenos, cai o estereótipo norte-atlântico do homem ilustrado e pudente como agente transformador. Essa reavaliação pode subscrever-se hoje se pensamos em tudo o que tem implicado obter um reconhecimento do ou até chegar às correntes filosóficas contemporâneas ou a documentos com maior consenso como os da Unesco e sua Declaração universal sobre a diversidade cultural. A experiência soviética, mesmo tendo sido recebida como uma nova hora histórica, diferentes questões – como a pesada carga stalinista – poriam em dúvida sua validade integral, como antes dela se havia problematizado o imaginário de uma evolução sem maiores sobressaltos.

A democracia é descartável no "neoliberalismo"?

Não existe uma correspondência binívoca entre democracia e neoliberalismo se consideramos que o modelo para alcançar, em vez de supor um espírito possessivo e depredador, insinua outros indicadores: o reconhecimento das identidades culturais; o princípio da maioria governante e a soberania popular; um Estado providente, assistencial ou regulador; legislação laboral e impostos pesados sobre as altas fortunas; uma ética da solidariedade, na qual os valores morais e os direitos humanos cumprem um papel significativo na organização social; uma economia planificada sem um mercado irrestrito e a serviço das necessidades humanas, com redistribuição do ingresso e limites à apropriação privada; uma

política exterior de relativa neutralidade e não alinhamento; respeito à natureza e seus recursos.

Há uma filosofia política latino-americana pensando alternativas ao "neoliberalismo" ignorada pela mídia?

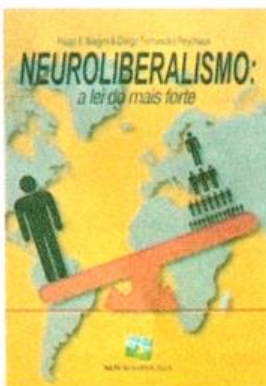
O pensamento alternativo é uma rica variante do saber crítico e emancipatório, em oposição ao modelo excludente da mundialização financeira. Suas bases se orientam para as identidades positivas, as utopias sociais, a dissidência civil, o reformismo ou a mudança estrutural. O mesmo se tem erigido numa peça chave no duro enfrentamento com o pensamento único, esse novo dogma que proclama o eclipse das ideologias e os grandes projetos. O "Diccionario del Pensamiento Alternativo", que publicamos na Argentina constitui um repertório contra-hegemônico igual que o de outras obras análogas, como a que plasmou a editora Nova Harmonia nesta terra gaúcha: a "Enciclopedia Latino-americana dos Direitos Humanos". Ambos os textos, pese a contar com a pleiade de pesquisadores e intelectuais de primeira linha, não têm logrado o condigno reconhecimento multimidiático, como se fossem produtos extraterrestres...

Qual o papel da mídia no constituição do imaginário "neoliberal"?

Deixando de lado inúmeros matices diferenciáveis como os da imprensa alternativa, os meios monopolistas, junto aos enormes interesses corporativos, têm desempenhado um papel protônico na configuração do neoliberalismo, ao alertar, tanto sob regimes de fato – com os quais tem entrado muitas vezes em convivência – como em períodos constitucionais, a chamada ascense capitalista de cassino, o ter antes que o ser. Uma tônica que foi refletida, por exemplo, no livro do ensaísta chileno Tomás Moulián, "El Consumo Me Consume". Assim mesmo, esses mesmos setores não deixaram de colaborar em diversas tentativas desestabilizadoras que foram sofridas pelos governos legitimamente representativos.

Internet e as redes sociais ampliam ou reduzem o espaço neoliberal?

As redes sociais e intelectuais não deixam de tornar-se presentes e de fazer ouvir seus reclamos em distintas ocasiões frente a um dominante espírito possessivo, questionando as práticas que lesionam a coparticipação ou reivindicações elementares. Em tal sentido, grandes mobilizações se têm valido, em seu atuar libertário, durante a atualidade e em distintas regiões, de mecanismos artificiosos próprios da intercomunicação virtual, segundo tive oportunidade de explicitá-lo em outro volume, "La Contracultura Juvenil de la Emancipación a los Indignados".



Livro: "Neoliberalismo: a lei do mais forte"
Autores: Hugo E. Biagini e Diego Fernández Psychaux
Tradução: Antonio Sidekum
Editora: Nova Harmonia
Páginas: 246